

UNIDADE DE DOR

Dignidade até ao fim

A Liga Portuguesa Contra o Cancro inicia hoje, quarta-feira, em todo o País, o seu pedido anual. A Gazeta não quis deixar a data em branco e, por isso, faz-lhe, aqui, o balanço dos quatro anos de funcionamento da Unidade de Tratamento da Dor, Comendadora D. Eva Nunes Corrêa, do Hospital Distrital do Fundão. Um serviço que foi criado em 20 de Novembro de 1992 e que, ainda hoje, é considerado pioneiro em todo o País. Um exemplo a ter em conta considerando que a dor crónica é uma realidade em 80 a 90 por cento dos doentes oncológicos terminais.

Ajudar as pessoas a viverem até morrer

Os últimos raios de Sol de uma tarde de Outono, ainda se podem ver no exterior do Hospital Distrital do Fundão. No seu interior, o médico responsável pela Unidade de Tratamento da Dor (UTD), António Lourenço Marques, faz a última visita do dia aos doentes internados. Depois de ter entrado na enfermaria, Lourenço Marques vai de cama em cama. Ao chegar perto dos doentes, cumprimenta-os e, pegando-lhes na mão, num gesto que revela todos os laços de amizade existentes, pergunta-lhes como se sentem. Ainda está a falar com a primeira doente, quando à porta da enfermaria surge a irmã Luísa, que lhe comunica todos os pormenores que considera necessários. A visita continua e o diálogo com os doentes surge espontaneamente. Na última cama, a doente está acompanhada por algumas visitas. Depois dos cumprimentos, Lourenço Marques pergunta à doente se uma miúda que está ao lado da cama é sua neta. A doente, com um sorriso nos lábios, confirma, acrescentando que é a mais nova.

O clima vivido na enfermaria, apesar da gravidade de alguns doentes, é de uma serenidade absoluta. Para isso, muito conta a confiança transmitida pelas palavras de Lourenço Marques, bem como de toda a equipa da UTD. É que, para este médico, "todos os doentes precisam de apoio, mas estes precisam de muito mais". Além disso, continua, "o tratamento da dor exige um trabalho multidisciplinar, que vai desde o médico, passando pelo pessoal de enfermagem, pela assistente social, pela psicóloga, até ao apoio religioso, sem esquecer o papel a desempenhar pela família que é muito importante".

Deste modo, Lourenço Marques defende que "nós queremos que os doentes morram com dignidade. Pretendemos ajudar as pessoas a



Lourenço Marques junto a uma doente.

viver até morrer".

Serviço pioneiro

A UTD do Hospital do Fundão foi inaugurada em 20 de Novembro de 1992. Segundo Lourenço Marques afirmou à Gazeta, "a Unidade surgiu com o apoio dos concelhos de administração dos hospitais do Fundão e de Castelo Branco e do comendador Nunes Corrêa e da sua esposa, D. Eva Nunes Corrêa". Mas na origem da sua criação esteve, também, o caso de um doente canceroso, de Casal da Serra. Um homem que, na fase terminal da doença, era empurrado de lado para lado, situação essa que o *Jornal do Fundão* denunciou publicamente.

No Hospital do Fundão estava, assim, criada uma unidade pioneira em todo o País, que tinha como objectivo acolher os doentes oncológicos terminais. Recorde-se, que de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística, os tumores malignos são responsáveis por 20 por cento da mortalidade, sendo a segunda causa de morte no País. Embora, não haja dados oficiais, Lourenço Marques considera que no Distrito de Castelo Branco, por ano, morrerão cerca de 400 pessoas. Considerando o número de óbitos registados na UTD, que entre 1993 e 1995 oscilaram entre os 43 e os 51, por ano, facilmente se concluiu

que a maior parte dos doentes, na fase terminal, não tem apoio médico especializado.

Isto é tanto mais grave, "se se tiver em atenção que entre 80 a 90 por cento dos doentes terminais oncológicos têm dor". Aliás, continua, "isto só vem provar que a denúncia feita pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é verdadeira. Os doentes terminais oncológicos estão a ser maltratados. A dor oncológica está a ser maltratada. A OMS chega a essa conclusão pela quantidade de morfina utilizada em cada país".

No caso da UTD do Fundão, a leitura desses dados permite retirar uma conclusão bem diferente. Em 1993, não considerando a utilização de outros opióides, foram consumidas 22,810 miligramas de morfina. Em 1994, a quantidade consumida subiu para 35,770 mg, para em 1995 dar um salto para as 141,430 mg. Este ano, entre Janeiro e Setembro, já foram consumidas 168,780 mg.

"Este crescimento enorme na UTD", argumenta Lourenço Marques, "significa que estes doentes estão a fazer terapêuticas mais adequadas".

Doentes a aumentar

A evolução do consumo de morfina também tem paralelo no número de

doentes da UTD. Em 1993, houve 69 doentes. Em 1994, 70. E, no ano passado, esse número subiu para 91. Em 1996, segundo dados referentes a 23 de Outubro, em consulta externa, ambulatório e internamento, os doentes com processo organizado actualmente assistidos ascende a 44. A UTD está equipada com seis camas, mas como adianta à *Gazeta* Lourenço Marques, "em caso de necessidade utilizamos camas da Cirurgia". Tudo, adianta, porque o número de doentes não é estável.

Desde início, os critérios de admissibilidade à consulta obrigam a que o doente tenha um diagnóstico de neoplasia confirmado histologicamente. Por outro lado, também é obrigatória toda a documentação sobre a extensão da doença e informação pormenorizada sobre os tratamentos em curso e anteriores, bem como a indicação dos rsvs envolvidos nesses tratamentos. Outro dos pontos definidos era que o recurso à UTD para os doentes que cumpram os critérios anteriores far-se-á exclusivamente para o tratamento da dor crónica, mas esta é uma questão que está a ser alterada.

De igual modo, também o tipo de doentes da UTD foi alterado. "Antigamente, só aceitávamos doentes oncológicos do Distrito, neste momento, também já aceitamos

doentes terminais com o Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA), pois a fase terminal de ambas as situações é semelhante", adianta Lourenço Marques.

O futuro da Unidade

Quanto à UTD, Lourenço Marques sublinha, uma vez mais, a importância da multidisciplinaridade. "Além do médico responsável pelo serviço, a UTD conta com a colaboração da cirurgia, da Medicina Interna, da psiquiatria, da dietista, de todo o staff de enfermagem da Cirurgia e da dietista". A juntar a tudo isto, "as próprias auxiliares ajudam muito os doentes, falando com eles e fazendo-lhe pequenos recados. Aliás, esta é uma relação que se mantém também com o Serviço de Voluntariado, que integra seis pessoas que acompanham e falam com os doentes". E concluiu que "entre os doentes e todas as pessoas da UTD há uma relação muito grande de intimidade".

Numa área mais vasta Lourenço Marques defende que "em Portugal, há necessidade de formação na área da Medicina Paliativa e o Fundão pode ter uma palavra a dizer. Penso que na UTD o Ministério devia criar uma vaga para um médico de Medicina Paliativa. Claro está, que esse médico teria de ter formação no estrangeiro, mas depois de ele estar no Fundão, outros médicos poderiam tirar aqui a especialidade".

Com a incerteza criada em torno do Hospital do Fundão, devido à construção do Hospital da Cova da Beira, Lourenço Marques afirma que não está preocupado, uma vez que a UTD não corre nenhum perigo. "É impensável que o Hospital feche, pode é ter uma evolução no sentido de vir a ser um hospital pioneiro na área da medicina paliativa e geriátrica. O Hospital nunca será extinto, poderá é ter um caminho diferente e uma nova forma de articular com os outros hospitais".

Já quanto à UTD, assegura que o Fundão "é uma unidade de referência, nunca estará em risco. O que pode acontecer é que o Fundão tenha a Unidade mãe e depois, em todo o Distrito haja pequenos pólos". Isto, até porque, argumenta Lourenço Marques, "é necessário que haja mais unidades de Medicina Paliativa no Distrito. O doente não pode vir a morrer longe de casa. Um doente do concelho de Oleiros, ou de Vila de Rei, não pode ser obrigado a recorrer à UTD do Fundão".